



2008/07/17

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](II PARTE)

Victor Mota[2]

III - ENSAIANDO A SÍNTESE

1. Pressupostos

Quando ocorrem bloqueios sócio-políticos, jurídico-normativos ou ético-morais entre pessoas singulares ou colectivas (e cujo exemplo mais inquietante e exasperante é o do conflito israelo-árabe) é necessário rever uma e outra vez os pressupostos que suscitaram as posições trancadas, até que o bloqueio desarme. É possível passar eternidades tentando resolver um problema sem que a solução ocorra[3], cegos pela própria obcecção. É uma questão de perspectiva. Se o analiso de determinada posição não vejo qualquer saída. É necessário mudar de ponto de observação para encontrar a passagem.



1.1. Geografia

O Mar Mediterrâneo é uma região com 560 milhões de habitantes e que contará com aproximadamente 680 milhões no ano de 2010. Cada dia, há dois mil e quinhentos navios que o cruzam e um terço do tráfego mundial do petróleo passa por este mar. Aqui nasceram e cresceram as civilizações que fizeram do monoteísmo um dos seus fundamentos. Porque a influência das civilizações se estende muito para além do post limium, inclui-se na Região Mediterrânica tanto Marrocos, com a maior parte da sua costa banhada pelo Atlântico, como Portugal, virado na totalidade a Oeste, para lá de Gibraltar.

Também os países árabes do Golfo Pérsico mais de 1000 km para além das costas da Palestina, cujas relações milenares com o Próximo Oriente se multiplicaram desde que o petróleo começou a ser explorado, acabaram incluídos no conjunto mediterrâneo. E sendo a Anatólia a primeira das cinco penínsulas (Anatólia, Peloponeso, Balcãs[4], Itália e Ibéria) que passa quem percorre, vindo de leste, a margem norte do Mediterrâneo. O Mar Negro não passa de uma adjacência que se estende até ao Cáucaso[5].

Na ligação ao Mar Negro, importantes portos russos determinam intensa actividade comercial o que tornou o Mediterrâneo uma passagem para o Oceano. Isso e o escoamento do petróleo da bacia do Cáspio, fazem com que os problemas de segurança do Mediterrâneo se repercutam na segurança das zonas mais interiores da Ásia Central. Ainda que deva haver algum cuidado quando incluímos o Cáucaso na zona geopolítica mediterrânea, não deixando de ter em conta os outros conjuntos geopolíticos que a interceptam tais como a Rússia, a União Europeia, o mundo muçulmano...

Como vimos atrás, os Estados Unidos da América têm postulado ultimamente um Médio Oriente Alargado que vai de Marrocos ao Paquistão incluindo o Irão e a Turquia. Por outro lado, continua a ser difícil olhar o planisfério e não ver, de Oeste a Este, aqueles 4000 Km de mar a separar África e Europa, a contrariar o Poeta quando diz que "Deus quis que o Mar unisse - jamais separasse!"

1.2. História

«Maldito seja Canaã (descendente de Cam). Que ele seja o último dos escravos dos seus irmãos. Seja bendito Javé, o Deus de Sem., e que canaã seja escravo de Sem. Que Deus faça prosperar Jafé, que ele morre nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo». Génesis 9,25-27 (fala de Noé)

1. Pode-se dizer que Cam, Sem e Jafé, os três filhos de Noé que com as respectivas descendências reconhecemos por Camitas, Semitas e Indo-europeus, se viram forçados a rivalizar e cooperar, e partilhar e disputar quando, há mais de cinco mil anos, se iniciou o processo de desertificação dos seus territórios natais: o Norte de África, Próximo Oriente e Península Arábica, e o Irão.

Os primeiros derramaram-se sobretudo pelo Sudão (ainda que recentes investigações sustentadas em análises de ADN permitam assegurar ter havido uma primeira migração para a Península Ibérica), o país dos Negros que atravessa, abaixo do Sahara, o continente africano de Este a Oeste. Misturaram-se com esses povos e foram, por isso, desprezados pelos descendentes de Sem que nunca lhes perdoaram terem "poluído" a sua raça com sangue sudanês. A antecipar o menosprezo

que os nossos irmãos indo-europeus nos dedicavam, muito pela facilidade com que os portugueses se misturam com outras raças, característica que pode ter sido herdada dos nossos antepassados camitas. Esse menosprezo pelos Camitas persistiu apesar da extraordinária civilização crioula que implantaram a sul do Egípto, não obstante terem governado o Egípto por séculos e tudo o indica com moderação e competência, substituindo-se às primitivas dinastias faraónicas, quiçá de extracção camita "pura". Malgrado a sua conversão ao Islão que faz deles "netos de Agar", seu orgulho e desprezo dos irmãos hebreus.

2. Também os descendentes de Sem tinham desenvolvido magníficas e poderosas cidades-estado, nações imperiais de impressionante qualidade civilizacional. Da Mesopotâmia, estenderam-se pela costa do Índico até ao Vale do Indo, onde edificaram Mohenjo-Daro e Harapa, com um engenho que só encontra paralelo nas cidades do Egípto e da Mesopotâmia. Os habitantes destas cidades eram bem organizados, laboriosos e tecnicamente evoluídos. Prezavam o conforto, sem se darem ao luxo. Expressavam-se numa língua que a escassez de inscrições encontradas não tem permitido decifrar.

Mas foram os Fenícios quem mais se dedicou ao Mediterrâneo. Grandes mercadores e navegadores, os primeiros marinheiros de que há notícia a passar as colunas de Hércules e a percorrer o Atlântico, descendo a costa africana e subindo a fachada ocidental da Ibéria. Quando Roma nasceu já eles tinham fundado vários países que começaram por ser mercados locais: Leptis Magna, Utica, Biserta, Bona e, claro, Cartago.

Cartago prosperou e cresceu sobretudo à custa do declínio militar e comercial de Tiro e de Sidon que tinham sido subjugadas por Alexandre, o Macedónio. Os seus habitantes mantiveram o comércio como actividade principal mas acabaram por se dedicar à indústria metalúrgica, que a tinham excelente, e à agricultura. Apesar de ser comum considerar Fenícios, Árabes e outros semitas como refractários ao cultivo da terra, os Cartagineses alcançaram grande proficiência no cultivo de vinhedos, olivais e pomares. Magão foi o mais importante agrónomo da antiguidade. Assim, havia grande equilíbrio na economia cartaginesa. Os seus navios, os maiores alguma vez construídos, distribuíam os produtos metalúrgicos e agrícolas por todo o Mediterrâneo. O seu sistema económico e financeiro era o mais evoluído. Quando Roma começou a cunhar grosseiras moedas de metal, já Cartago tinha notas de banco. Essas tiras de couro eram em todo o Mediterrâneo o equivalente ao dólar, nos dias que correm. O seu valor nominal era garantido pelo ouro depositado nos cofres do Estado. A condição das suas mulheres parece ter sido inferior à das atenienses mas superior à das romanas. Andavam veladas e estavam confinadas à casa. Mas podiam fazer carreira como sacerdotisas ou como prostitutas, prestigiadas ambas as profissões. Os romanos garantiam que o nível moral cartaginês era baixo. Viam-nos excessivamente festeiros, bebedores e comedores. A fides punica, a palavra dos cartagineses, ficou no latim como sinónimo de traição. Claro que esta é uma perspectiva romana. Plutarco apresenta-os como "servis para os inferiores e oscilantes entre a cobardia na derrota e a crueldade na vitória". Ofereciam sacrifícios aos seus deuses. Aos deuses menores, cabras ou vacas. Mas Baal-Haman (o Baal-Moloch de Tiro) exigia o pagamento em crianças que eram colocadas nos braços da grande estátua de bronze que o representava, e feitas rolar dali para o fogo que ardia abaixo. Chegaram a queimar trezentas num só dia, os seus gritos abafados pelo som de trombetas e tambores. Parece que as mães assistiam sem uma lágrima, sem um lamento, e que era costume, quando esse sacrifício fosse exigido a uma família abastada, esta comprasse a criança a uma família pobre.

Porém, o regime político era semelhante ao de Roma, onde o órgão supremo era o Senado, também em Cartago composto por trezentos elementos. Dois shofetes, que correspondiam aos cônsules romanos executavam as decisões emanadas do Senado que era electivo, havendo acima dele uma espécie de Corte Constitucional formada por 104 juizes que controlava a constitucionalidade das leis e as contas da administração.

O exército cartaginês era predominantemente constituído por mercenários recrutados entre os indígenas, sobretudo Líbios. Durante o século de guerra com Roma, emergiram os Aníbais, os Amílcares e os Asdrúbais que ficaram para a História entre os mais brilhantes generais da antiguidade.[6]

3. Só pelo IX séc. antes da era cristã, inscrições assírio-babilónicas começam a distinguir os Árabes (arabis ou arab, sinónimo de nómadas) dos restantes vizinhos Semitas. E só no séc. VI, o poeta Imru Al-Qays, no primeiro texto gravado conhecido em língua árabe (em caracteres nabateus, utilizados em Petra), reivindicou para si o título de "rei de todos os árabes".[7] O árabe é a língua semita mais recente e é hoje o idioma de 200 milhões de pessoas. Para os muçulmanos é a língua sagrada "dada" por Alá a Adão. Foi em árabe que o Alcorão "desceu" sobre Maomé. Das antigas línguas semitas setentrionais apenas o arameu, a língua falada no Próximo Oriente no tempo de Jesus, subsiste nalgumas comunidades religiosas. O acádio, o cananeu, o fenício, de entre outras, foram apagadas pelo árabe.

Sedentarizados, os árabes estabeleciam-se entre a aldeia, curá, e a cidade, madina. Esta foi e é o local de eleição do artesão e do mercador que, até ao século XIX, estiveram organizados em corporações profissionais semelhantes aos grémios europeus medievais.

Todos os povos da região, e em particular os nómadas, apenas por linha masculina, ahl, reconhecem o parentesco. Seguem a norma de descendência patrilinear. No mundo árabe, o nome da pessoa é a descrição da sua genealogia patrilinear ao longo de três gerações. Este facto tem implicações quer na herança quer na organização política. A unidade mais importante é a tribo, cabila, cujos membros afirmam descender de um antepassado comum. Sob o ponto de vista político, a família patriarcal extensa, usra, define-se pela obrigação de exercer a vingança de sangue no seu seio. O seu chefe é o cabir, usualmente o pai, o primogénito ou o filho mais capacitado para lhe suceder. Vários usra estão sob a autoridade de um 'aquil e formam uma linhagem (asaba ou badena), na qual a vingança de sangue não se exerce senão sobre o autor do crime. Por sua vez, um conjunto de asabas forma um clã, lahma, isto é, "carne" mas não "sangue". A partir desse nível, cessa a interdição pela vingança de sangue mas começa a interdição política. Os clãs são liderados por um shaykh, ou xeque, chefe de um cantão territorial que não reconhece outra autoridade que a daqueles que, em tese, lhe são superiores.

Uma tribo soma cerca de 500 a 1000 indivíduos ou mais e pode definir-se como uma unidade social que possui território, recursos, código moral e de direito, chefes, jeques, história comuns. Os jeques são, geralmente, eleitos por maioria absoluta entre os líderes dos clãs.

Vários autores explicam como o desenvolvimento político dos povos pastores leva à constituição de impérios. As constantes razias e saques implicam uma militarização da sociedade, que dá lugar à concentração do poder político em chefes capazes. Os líderes tribais fazem alianças políticas com outras tribos, dando origem a confederações de tribos que se agrupam em principados (emirados) e estes em reinos (sultanatos) que, finalmente, formam grandes impérios (califados ou imanados).

A unidade cultural do Próximo Oriente, deve-se ao islamismo, desde que surgiu no séc VII. O facto de não ter chegado a dissociar-se da política entre as sociedades árabes, faz com que continue a ser forte factor de coesão. Hoje em dia mais de 90% dos habitantes da região, uns 120 milhões de pessoas, é muçulmano, ainda que tenha sido aqui que surgiram o judaísmo, o zoroastrismo e o cristianismo.

Para analisar o islamismo – e recorde-se que Maomé arabizou o Islão - os estudiosos têm recorrido ao Corão, que contém as leis e os dogmas, à Sunna, que estabelece o ritual, e ao Fiqh que complementa o Corão e a Sunna. A partir destas fontes é possível reduzir o conjunto de crenças e práticas a um esquema muito simples que se resume a cinco artigos de fé: crer num único Deus, nos seus anjos, na vida futura, nos profetas e na ressurreição. Por outro lado, o conjunto de práticas cinge-se a cinco obrigações rituais, os cinco pilares da religião: a proclamação do tauhid ou unidade divina no leito de morte, a oração, o jejum, a esmola e a peregrinação a Meca.

Estas práticas e crenças variam apenas nos pormenores quando comparadas com as do judaísmo e do cristianismo. Por exemplo, no islamismo o jejum dura um mês, o Ramadão; a esmola e a peregrinação tornam-se doutrinárias; a oração faz-se cinco vezes por dia e em diferentes posições, etc. A dispersão do Islão levou os povos árabes a frutíferos encontros. Com as nações submetidas edificaram uma das civilizações mais activas e criativas que o mundo conheceu. É interessante recordar que o Império Árabe, enquanto durou, fez da Europa (ainda embrionária) uma periferia.

4. Pelo século IX, os Turcos, povos originários da Ásia Central, introduzem-se como mercenários no mundo árabe. À medida que aderiam à religião dos califas e emires de quem eram guardas pessoais, foram ascendendo na hierarquia militar. Quando mudou a capital do império para Samarra, o califa abássida Al-Mutassim criou uma tropa de elite quase totalmente formada por turcos. Entre 861 e 945, aproveitando a desintegração do califado, os turcos tomaram conta da administração. Rapidamente avançaram para a Pérsia e para a Índia dominando vastas áreas que converteram em domínios islâmicos. Mahmud foi o primeiro príncipe muçulmano a usar o título de sultão.

Outra tribo turca guerreira e islamizada, liderada por Seljink, derrotou em Dandankam, corria o ano 1040, os xitas buaihidas, conquistando parte da Pérsia. Essa data marca a fundação do Império Seljúcida. Quinze anos depois, Tugrul Bag ocupou Bagdade onde recebeu o título de Rei do Oriente e do Ocidente. Esta vitória representou um grande triunfo da ortodoxia islâmica sunita. Em 1071, Alif Aislam invadiu a Ásia Menor vencendo as forças militares bizantinas na batalha de Manzikert, iniciando-se o domínio turco da Ásia Menor. Mas o império acabou por ser repartido (Síria, Mesopotâmia, Arménia e Pérsia) e só no início do século XIV, com a dinastia otomana, foi restaurada a unidade turca no Médio Oriente. Osmau, líder tribal dos turcos oguzes, criou um novo estado na

parte ocidental da Anatólia, conhecida por otomano entre nós. Osmar e seus sucessores continuaram a professar a religião islâmica e expandiram em direção a Bizâncio.

Em 1402, as hordas de Tamar destruíram o Estado Otomano mas em 1423 Mohamad I restabeleceu a unidade. Em 1453, conquistada a Ásia Menor e dominada a Península Balcânica, os turcos, sob o comando de Mohamad II, tomaram Constantinopla, capital do Império Bizantino. Depois anexaram a Sérvia, o Peloponeso, o reino Cristão de Trabisonda, colônia genovesa no Mar Negro, a Bósnia e a Albânia, mais tarde Herzegovina e Moldávia. Já no início do século XVI, Selim I anexou o Egípto, a Síria e a Palestina.

No apogeu do Império Otomano (já o imperador se fizera califa, governante dos muçulmanos) chegou Suleiman, o Magnífico que assumiu o poder em 1520 e chegou a sitiá-lo Viena. Por essa altura, a armada otomana era a mais poderosa do Mediterrâneo. Em 1529, apoiado pelo corsário Barba Roxa, conquistou a Argélia e em 1551, Tripoli. A morte de Suleiman, em 1566, marca o início da lenta decadência do Império Otomano.

5. Quanto aos descendentes de Jafé, os Ários, também viram desertificados os seus territórios, no Irão, já lá vão mais de cinco mil anos. Ocupemo-nos apenas dos contingentes que forçaram a sua progressão para poente (apesar da importância para esta história, de alguns daqueles que rumaram a norte, que viriam a ser nomeados Eslavos, os que desceram até à Jugoslávia, a terra dos Eslavos do Sul, belicosos e pouco dados a adesões, contribuindo à sua maneira para que os Balcãs sejam tidos como sinónimo de conflito e separação), que afegãos e indianos ficam para lá do alcance deste trabalho.

Na sua lenta mas inexorável caminhada, foram ocupando os territórios que percorriam, até se depararem com o mar Báltico. Desde cedo, nesta migração, grupos de tribos tinham contornado o Mar Negro rumando ao Sul. Os primeiros a atingir as costas mediterrânicas, os Pelasgos, traziam a mitológica certeza de ter saído dos dentes de Ofião, o Bóreas, o Vento Norte, que em primeiras eras tinha sido o seu progenitor. Depois chegou o grupo que, ocupada a primeira península, continuou até à itálica, estabelecendo-se no Latium, na margem direita do Tibre. Alguns séculos mais tarde, no início do segundo milénio, começaram a descer tribos de temperamento e formação vincadamente guerreiros. À frente, surgem os Aqueus que se estabelecem no Peloponeso.

Dois, três séculos decorridos e é a vez de entrarem em cena os Helenos. O nomadismo guerreiro não lhes tinha permitido as condições necessárias à inspiração de uma escrita própria, nem a disposição receptiva que a integração de uma escrita alheia requer. Os Helenos contavam-se lendas como forma de transmitir o conhecimento religioso, que abarcava o que agora se entende por Teologia, Filosofia e Ciência. Diziam que o fundador dos seus povos, Helen, era filho de Deucalião e Pyrrha, e tivera por descendência Aeolus, Dorus e Xuthus, pai de Ion, patriarcas das suas tribos.

Vieram do Norte como os Aqueus, cujo império subjugaram. Estabeleceram-se no Peloponeso, nas ilhas egeias e em parte da costa da Ásia Menor, entre 1300 e 1000 a. C. Das três tribos, os Dórios foram os mais destrutivos, pulverizando a civilização micénica que os Aqueus tinham edificado, apoiados no saber minóico. Depois, a História regista um período de quatro séculos de obscuridade, aqui e por toda a Anatólia, após o qual se acende o fulgor da Hélade. Mas é Alexandre, o Macedónio, que virá a atribuir-se a missão de levar a tocha helénica aos quatro cantos do mundo então conhecido.

Agora prestemos atenção à Península Itálica e vejamos como foi interrompido o pousio dos Latini. O Latium, a terra dos Latini, foi o cadinho onde o Latim e Roma se refundiram, entre Etruscos e Gregos. No início do primeiro milénio, ainda o Latium era um território tribal, instala-se a norte do Tibre um grupo vindo da Lídia, por Esmirna, "fugindo à fome", segundo Heródoto. Os Lídios chegaram ao norte da costa ocidental da península, após longa viagem marítima. Em homenagem a Tyrrhenus, filho do seu rei e chefe da expedição que os levava a bom porto, mudaram o seu nome para Tirrenos, designação que imporiam à parte do Mediterrâneo que banha aquelas costas. Porém, a História viria a registá-los como Etruscos por analogia com o território que habitavam, a Etrúria.

A civilização que desenvolveram, reflexo da Lídia e como ela manifestando riqueza, luxo e beleza artística, brilhou forte mas fugaz. Transmitiram aos Romanos algo da sua administração, do seu refinamento artístico, nomeadamente no plano musical, e o gosto pelo conforto. Por seu turno, adoptaram elementos dos sistemas religiosos romanos e gregos, e iranianizaram a sua língua, acabando por ser lavados e levados na enxurrada romana.

Enquanto isso, os Helenos tinham implantado colónias nas costas itálicas do Mar Jónico e na Sicília, exercendo através delas a sua influência sobre os Latinos, que souberam assimilar, reinterpretados, deuses, mitos e costumes helénicos. Foi assim que cresceram as tribos do Latium,

meticulosas e fortes, edificando a partir de Roma, um dos mais extensos e mais bem ordenados impérios a que este ciclo assistiu.

Os Romanos trouxeram ao mundo, mais do que uma abordagem particular da coisa pública e sua administração, mais do que uma eficaz engenharia do conforto e do lazer ou uma nova regulação do Direito. Trouxeram a pavimentação do seu vasto mundo, que deixaram trilhado por milhares de milia de via, avizinhandos fisicamente os povos, conditio sine qua non de outras aproximações.

Depois, já incapaz de unir, nutrida apenas no desejo de poderio, Roma vai-se desvitalizando e decaindo (ver Anexo IV). Entretanto, a norte, no Báltico, as tribos árias baptizadas germânicas pelos Latinos, voltavam a inquietar-se. Tinham ocupado a costa sul do Mar Báltico, ilhas e sul da Suécia e Noruega. Espartilhados entre os Eslavos e os Celtas, desencadeiam-se em mais uma migração, a Völkerwanderung que se prolongaria por quinhentos anos, até ao quinto século d. C. Nela se envolveram, de uma ou outra forma, quase todos os povos germânicos – Godos, Anglos, Saxões, Suevos, Noruegueses, Danos, Normandos, Francos, Lombardos, Vândalos, etc. – esmagando contra Roma o coração da nação celta.

6. Os Visigodos vieram encontrar as Espanhas já em franco processo de desorganização. Sob os fiapos do tecido administrativo romano, por entre a miscenização e a desdiferenciação culturais, mas se podiam ver os traços de antigos viajantes. Ficaram para a História como soberanos brandos e sensatos, e integraram facilmente o sistema administrativo romano. O sistema prevalecente no reino era o arianismo, doutrina fundamentada nas teses de Ário de Alexandria, padre cristão que afirmava ser Cristo a essência mediadora entre o divino e a humanidade. Em 589, Recaredo abjurou a heresia de Ário e as Espanhas tornaram-se oficialmente católicas.

Com o Império Romano a esboroar-se, Eurico estabeleceu-se no norte das Espanhas e em 475 substituiu-se a Roma. Passaram-se trezentos anos[8] entre as primeiras correrias visigóticas pelas faldas atlânticas dos Pirinéus, em 411, e a entrada dos Mauritanos por Gibraltar em 711, decorridos quase cinco milénios sobre a primeira vaga camita que, fugindo à desertificação do seu Sahara natal, alagou a península.

Esta vaga de Germanos trouxe o desmantelamento do sistema produtivo romano apoiado na escravatura e, em reverso, a fome dos escravos e servos sem dominus. E revitalizou as populações ibéricas, abastecendo-as com as reservas necessárias ao relançamento da resistência ao Mouro.

1.3 Religião

1. Do contingente ário que inicialmente investiu sobre a Mesopotâmia, algumas tribos por lá se sedentarizaram e multiplicaram, assimilando dos Semitas elementos de civilização e constituindo reinos e impérios. É desta interacção que surge na Caldeia, no tempo de Semiramis, a Ordem Abramida depositária da tradição religiosa do Verbo Creador, originária do Irão, e cujo chefe viria a adoptar o nome de Abram[9]. Os abramidas mantiveram-se activos até ao tempo de Moisés, seu herdeiro.

Moisés tinha-se acolhido, ainda jovem, ao templo de Jetro no Alto Egipto – que albergava um colégio de abramidas –, para escapar à justiça egípcia. Aí trabalhou e estudou por quarenta anos, vindo a receber uma iniciação superior e a sua Missão: conduzir o seu povo para fora do Egipto, isto é, instruí-lo a abandonar o politeísmo para cultuar o Deus Único, Javé. A impressão do Decálogo nas mentes judias, era o indispensável suporte da reforma religiosa. Mas apesar do poderoso apoio que Moisés recebeu de abramidas, Essénios e discípulos, a sua Reforma logo se desmoronou, incapaz de superar as divisões internas. Ainda assim, foi possível a Saúl, David e Sa1omão somarem cento e vinte anos de governo sobre as doze tribos. Só depois Israel se dividiu em duas nações, que se degladiariam por muito tempo. As dez tribos de Israel com capital em Samaria, e Judá, sediada em Jerusalém e constituída pelas tribos de Judá e Benjamim.

Em 721 a. C., Samaria foi tomada pelos Assírios que desterraram as dez tribos israelitas para Nínive. Jerusalém foi destruída no ano de 587 a. C., e as duas tribos de Judá deportadas para a Babilónia. Segundo Jeremias e Isaías, as dez tribos de Israel dirigiram-se para o Setentrião depois de libertadas, diluindo-se nas populações celtas do ocidente europeu. Os de Judá regressaram a Jerusalém após setenta anos de cativo e restauraram o seu sistema religioso que tomou o nome de Judaísmo. Os chefes judeus impuseram o estrito isolamento da raça e restabeleceram a Lei de Moisés. Por essa altura falavam o sírio-aramaico, esquecido o idioma dos seus antepassados, apenas escassamente recordado por alguns escribas. Foi isto que levou ao progressivo aumento de prestígio e de poder dos Fariseus, "os separados".

Criam na Tora mas consideravam fundamental a Tradição, que viam mais ampla e não menos obrigatória. Mantinham-se isolados de tudo o que não era judaico por o considerarem profano e

impuro. Para eles, o Judaísmo era a própria pureza. Por outro lado, legislavam a seu bel-prazer, impregnando as suas crenças de materialismo e vulgaridade. Nisto assemelhavam-se aos brahmins e o advento do Cristianismo teve o mesmo sentido de resistência e de necessidade de reforma, que teve o Budismo ao reagir à prepotência e obscurantismo dos sacerdotes hindus. E tal como o Budismo, que só pôde emancipar-se fora das Índias, encontrando nos Xantodermes o reconhecimento e a aceitação devidos a um sistema religioso amadurecido e autónomo, não pôde o Cristianismo vingar na Judeia, usando Roma como veículo de disseminação entre os ário-europeus, reanimando a Religião do Verbo, após longo período de latência e suporte semito-essénico.

Não obstante o zelo de proprietário que o Povo Judeu tem posto no modo de tratar o seu sistema religioso, apesar da dificuldade em partilhar o seu bem mais precioso, o meio que acredita ser o melhor para a religião a Deus, foi por entre as malhas do tecido social judaico que passou o fio condutor da doutrina do Logos, vertendo-a neste lado do mundo.

2. Paradoxalmente, Roma, desvitalizada, não poderia levar post limium a Palavra. Foi a vez de Muhamad entrar em cena. Ainda não tinha completado 40 anos quando recebeu a Missão[10]. E menos de um século passado sobre a Hégira, já a reforma monoteísta e o Islão, a necessidade de submissão à vontade de Deus, tinham sido largamente divulgados. O entusiasmo do recém-nascido sistema religioso, por vezes traduzido em zelo excessivo, e a deterioração dos velhos impérios do Próximo e Médio Orientes, levaram o Islão até ao Indo e para além dele.

Para compreender o Islão seria necessário percorrer todo um caminho que vai desde o Ente Supremo Uno até à organização mundana da Comunidade Islâmica. O Islão (submissão e equilíbrio), monoteísta, orienta-se pela doutrina do seu maior profeta, Maomé (570-632), segundo a revelação que recebeu e da qual deu testemunho. Islão significa também “ser/estar saudável, íntegro”, conceito que inclui o de “faz”. Para o muçulmano, nenhum outro ser que não Deus, “uno e único”, pode ser adorado como divindade, veneração que se manifesta pela fé e pelas obras. A relação entre Deus e o ser humano é directa, dispensa qualquer intermediário. O dever do ser humano nesta vida é estar com Deus (qurba ila Allah) e cada ritual e cada boa acção têm de estar impregnados desse anseio, infundidos pela esperança e pela confiança na bondade e misericórdia divinas, sem qualquer desejo de recompensa.

Os crentes são quase mil e trezentos milhões, espalhados por todo o planeta, constituem uma comunidade, a Umma, a “mãe”, onde todos e cada um se consideram solidários e irmãos, apesar de diferentes na raça, na língua e na cultura. A sua vitalidade mantém-se bem como a capacidade de expansão. Compreender os muçulmanos e os catorze séculos de religião islâmica pressupõe alcançar que o seu projecto existencial é como que uma Cidade de Deus, onde a concretização de todas as realidades mundanas e divinas, bem como do meio para as atingir passa pelo cumprimento dos preceitos da Revelação tanto nos aspectos pessoais como nos comunitários.

O Islão é religião, ideologia e cultura, em amálgama. Os aspectos temporal e espiritual ainda não passaram pela dicotomia que o mundo cristão estabeleceu. É como se todos os crentes constituíssem uma família, como se estivessem em casa, mesmo dispersos. São solidários e esses laços vão-se restaurando e fortificando pelo Ramadão, pela peregrinação a Meca. O muçulmano segue Noé, Abraão, Moisés, Jesus e seus Apóstolos, como exemplos de submissão, fé e confiança em Deus que lhe concede a Palavra, pelas escrituras e pelo Corão, os Seus Enviados e a Sua Comunidade, para a meditação, a imitação e a consulta. Cultiva estas graças, crê nos anjos e nos demónios, venera a Tradição Profética, acredita que a História se completará um dia e que a ressurreição, o Juízo Final e a Última Via (Paraíso ou Inferno) farão triunfar a Misericórdia de Deus. Sacrifica a Deus, desde a puberdade até à morte, num humilde e despojado culto.

O Islão ainda não fez a separação entre religião e organização da sociedade o que complica o quotidiano daqueles muçulmanos que emigraram para países não islâmicos. Ao crente basta o seu livro sagrado, o Corão, que contém regras e normas de vida. A Unidade e Unicidade de Deus é o seu dogma fundamental. O Islamismo não tem sacerdotes ou sacramentos. Não condena as deambulações em torno da Ka'aba de Meca, que era um santuário pagão para onde convergiam os Árabes em peregrinação anual. Com a morte do Profeta, surgiu o problema da sucessão e com ela tendências islâmicas que ainda hoje existem: os sunitas que discordavam da sucessão obrigatória na chamada “Casa do Profeta”, correspondem a 87% dos muçulmanos; os chiitas, que defendiam a sucessão de Ali, os duodecimanitas, predominam sobretudo no Irão e representam cerca de 17%; e os kharijitas que criticavam a acção de Ali e acabaram por assassiná-lo.

O Islão está a tomar conta da região euro-asiática de tradição eslavo-ortodoxa, constituindo um receio para os governos russo e chinês, conforme a declaração final da Cimeira do Grupo de Xangai criado em 1996 e que integra a China, a Rússia, o Cazaquistão, o Tajiquistão e a Quirguízia. As civilizações confucionista (ou sínica) dos Chineses e a eslavo-ortodoxa dos Russos unem-se para

combater o crescente islâmico dentro das suas fronteiras. Existem, actualmente, na Rússia entre 15 a 22 milhões de muçulmanos, concentrados sobretudo na região do Volga e no Cáucaso Norte. O Partido da União do Islão Revitalizado surgiu, em 1990, no Daguestão, e alastrou a outras repúblicas e, nesse mesmo ano, nasceu o Partido Islâmico Democrático, rebaptizado, em 1993, Partido Islâmico. Na Chechénia nasceu, em 1990, a Via Islâmica[11].

1.4. O Direito

O direito é outro pressuposto que deve ser reconsiderado. Tentemos vê-lo do ponto de vista islâmico. Mohammed Bedjaoui, ex-presidente do Tribunal Internacional de Justiça, diz que as sociedades muçulmanas se debatem, actualmente, com importantes desafios dos quais relevam conceitos como laicismo e democracia, conceitos que fundamentalistas e outros interpretam de modo diferente daquele que é entendido no Ocidente. Muitos muçulmanos pensam que nem a democracia nem o laicismo são imperativos absolutos mas antes produtos importados do Ocidente como linhas mestras da sua mensagem cultural. Considera a modernidade como um desafio para todas as civilizações de todos os tempos, visando progresso e bem-estar.

Jacques Berque afirma que a sociedade muçulmana se divide entre os partidários de uma modernidade sem raízes e os partidários de um passado sem futuro. A ofensiva civilizacional incita à resistência e não favorece a diferenciação do Direito. Podem ser observadas no mundo muçulmano duas correntes opostas: aspiração à democracia e ao laicismo, por um lado, e construção autocrática da sociedade, obscurecida pela referência ao sagrado, não susceptível de discussão, por outro.

Quanto ao Direito, Mohammed Bedjaoui entende que os muçulmanos devem renunciar à tentação de regressar a um passado sem futuro. Se o não fizerem, conseguirão apenas a patética evasão do triste presente, uma narcísica contemplação da antiga grandeza, petrificando o presente e hipotecando o futuro. Considera ainda que alguns se deixam tentar pela conquista do poder, com o objectivo de reconstruir na actual sociedade política a magnificência do passado, a que chama modernidade sem raízes. Reforça Jacques Berque que todo o país muçulmano deveria avançar para a modernidade sem deixar de ser ele mesmo e procurando saber reconhecer sempre o seu céu e a sua terra. No que se refere ao laicismo, o Islão continua a reger a vida pública e privada, as relações individuais, familiares, nacionais e internacionais, bem como a ética nos planos individual, social ou político, pela referência religiosa sacralizada.

Mohammed Bedjaoui gostaria que o Islão evoluísse na autenticidade. Afirma que o infundado receio de que qualquer influência ocidental pode aniquilar o Islão enquanto todo individual, prejudica qualquer esforço de readaptação às novas realidades. Que no Islão o sagrado impõe deveres, não favorece os direitos, excluindo toda a réplica, toda a discussão e assim, toda e qualquer participação. Que a chave do renascimento do Islão está na nítida distinção das relações do homem com Deus, derivadas do sagrado. Que são as relações políticas e económicas entre os homens na sociedade que se devem desritualizar sem o que a modernidade não será possível.

O sistema normativo muçulmano não recebe a legitimidade do pluralismo popular. E parece que a tendência vai no sentido da islamização da modernidade jurídica e da política ocidental e já não da diferenciação do Direito muçulmano. O Corão regista algumas noções de juízo, autoridade, equidade, consulta, imperativo do bem e rejeição do mal, sem a possibilidade de qualquer interpretação literal ou figurada. A Charia significa caminho. Caminho na realização da unidade entre a fé e a conduta. Representa a totalidade dos preceitos que correspondem à conduta das pessoas quer na vida privada, quer na vida pública. Na concepção islâmica os preceitos servem de apoio para alcançar a orientação para Deus. A Charia é o caminho da prática da fé que abarca todos os aspectos da vida, um total de mais de 150 matérias entre as quais se podem destacar: os Cinco Pilares (arkan)[12], o direito da família, hereditário, mercantil, civil, penal, reparação de danos.

O Corão e a Sunna, orientações do profeta transmitidas por tradição, são as fontes do sistema jurídico que se consolidou ao longo dos tempos, em resultado do esforço dos letrados em direito islâmico, os quais foram desenvolvendo princípios jurídicos de vigência geral. A proliferação das análises ao sistema jurídico conduziu à formação de diversas escolas sendo de destacar entre as mais importantes: a Escola Malikita fundada por Malik ibn Anas (715-795), a Escola Chafita fundada por as-Safici (767-820), a Escola Hanbalita fundada por Ahmad ibn Hanbal (780-855) e a Hanafita. Todas as acções do homem devem ser marcadas pelo espírito do culto a Deus e realizadas nesse sentido[13].

2. ENCONTROS E DESENCONTROS

2.1. Somos todos nómadas

As alterações geo-tectónicas condicionando clima e topografia, levam à errância de quase todas as nações (somos todos nómadas, vagamundos, em mais do que uma acepção do termo) havendo povos que ficam para a História dos homens como exemplo vivo dessa vicissitude humana. Para muitos dos falantes dos vários ramos da Língua Ário-europeia, dizer Judeu ou Cigano é o mesmo que dizer desterrado, proscrito, errante. Tanto aos Ciganos como às dez tribos de Israel foi extremamente doloroso, o desterro. E no entanto, o seu destino é obrigatório ponto de passagem do ser humano na senda da Evolução. Aos menos leitos nas coisas do desapego, talvez seja útil dizer que num futuro não muito longínquo, o cidadão europeu (e mais adiante o cidadão da Terra) ocupar-se-á tanto da nacionalidade dos seus antepassados como o cidadão português se ocupa hoje da tribo, lusitana ou outra, a que pertenceram os seus ancestrais. E que é tão importante para nós o nome gentílico ou o totem da tribo em que tivemos origem, como será relevante o nosso hino, bandeira e mesmo sistema religioso, aos olhos dos nossos descendentes.

2.2. Creta

Os primórdios dos Aqueus, no Peloponeso, foram modestos. Fundaram Micenas, a cidade capital do seu futuro império, sobre uma antiga povoação neolítica. Durante os primeiros séculos, atraídos pela luz da Grande Ilha, já governada pelos Minos, tentam várias e infrutíferas incursões a Creta. Por volta de 1500 a. C., numa investida bem sucedida, conquistam-na sem qualquer resistência. Os príncipes micénicos instalam-se em Cnossos pouco antes do sismo de 1450 a. C. que, em simultâneo com uma erupção do vulcão Tera e um maremoto, acabou com a primeira grande civilização do ciclo de Noé em solo europeu, e uma das mais espantosas que o Homem levantou.

Os primeiros habitantes de Creta tinham chegado da Ásia Menor pouco antes do terceiro milénio. Eram Camitas e vinham a fugir das alterações sofridas pelo seu Sahara natal, que tinham herdado verdejante. Cerca de 1950 a. C., chegam os Semitas, organizados e detentores de segredos de Ciência e de Técnica – ecos de um saber antediluviano – que impulsionam a brusca floração da civilização minóica. A elevação técnica e a beleza dos edifícios que fizeram construir, o conforto, as artes e o lazer que incentivaram, a riqueza que souberam assegurar pelo controlo comercial e marítimo do Mediterrâneo Oriental, tudo isso se abriu aos senhores micénicos por um breve período, abruptamente interrompido pelo Grande Sismo. Mas foi o tempo suficiente para que captassem, retivessem e transmitissem o essencial daquele brilho, diferenciando-se na civilização a que chamamos minoico-micénica.

Talvez Moisés tivesse conhecimento da história de Creta quando escreveu a maldição de Noé: "Bendito seja o Senhor Deus de Sem e seja Cannã seu escravo. Que Deus aumente as posses de Jafé e que ele resida nas tendas de Sem..." A Grande Ilha serviu de ponto de encontro^[14] e de palco aos descendentes dos filhos de Noé, e os papéis que lá desempenharam podem ilustrar aquela passagem bíblica.

2.3. Megas Alexandros

Alexandre, o Macedónio (356-323 a.C.), filho de Filipe II e de Olimpia, aluno de Aristóteles, herdara de seu pai, admirador da cultura helénica, um país em expansão. Em escassos dez anos, depois de regular diferendos instalados na Macedónia pela morte de Filipe, caminhou sobre o Império Persa, levando o helenismo até ao Vale do Indo a leste e, contornando o Mediterrâneo pela Ásia Menor, até ao Egipto, a sul. Falecido na Babilónia aos trinta e três anos de idade, partilhou-se entre os seus generais o vasto império. No entanto, tinha feito a sua parte. A Idade Helenística que se lhe seguiu, resultou da mistura das culturas helénica/grega, egípcia e persa.

2.4. Rivalidade Fraternal

Nas coisas da Evolução, mormente quando se referem à espécie humana, tanto as aproximações e a cooperação como as separações e os antagonismos têm importância estruturante. Aqui, foi necessário impedir que Sem, tomando de Jafé os territórios ocidentais, lhe abortasse o futuro. O vigor requerido quer para sustentar a investida muçulmana, quer para a retomada cristã, tinha sido reservado e assegurado quando, corria o ano 9 d. C., Armínio, um germano treinado por Roma, massacrou, perto do Elba, três legiões comandadas por Varo, forçando Augusto a recuar a fronteira para o Reno. De facto, o "desastre variano", impedindo Roma de estender o seu domínio aos povos germânicos, permitiu, por um lado, continuar a enriquecedora rivalidade norte-sul dos irmãos indo-europeus, com os setentrionais menos misturados, mesmo se, para ocidente, em direcção ao futuro, o melting pot das Américas está, de cima a baixo, estruturado de modo greco-romano, e por outro lado, manter jovem o poder germânico, ainda em regime tribal, reservando-o para repelir o Mouro, depois da desvitalização de Roma. Mas o grande combate tinha sido travado com Cartago, nos dois últimos terços do terceiro século a. C., pela posse do Mediterrâneo, e apesar da apropriação, pelos Gregos, do controlo naval e militar da parte oriental do mar, e da tripla derrota

com devastação total infligida por Roma que, substituindo Fenícios e Gregos, dominou todo o Mediterrâneo – ou por isso mesmo? – os semitas africanos guardaram o fogo grego pelo tempo necessário à reestruturação e revitalização dos povos indo-europeus, durante os obscuros tempos medievais. Até que os futuros Europeus pudessem retomá-lo. E como a dinâmica destas coisas é inter-dependente, Roma estava a semear a ruína própria quando destruiu Cartago.[15]

2.5. Islamização

A irradiação do Islão, estendendo sistema religioso e domínio político-militar do Índico ao Atlântico, cem anos passados sobre a Hégira, foi prodigiosa. Entre os séculos VIII e XII, emergiu um imenso corpo de grande literatura, poesia e prosa, um sofisticado conjunto de códigos legais e tratados filosóficos, uma rica coleção de estudos geográficos e históricos, um poderoso avanço científico, especialmente na astronomia, na medicina, na matemática e na química.

O Império Árabe durante estes primeiros séculos esteve politicamente unido sob os califas. A meio do século X começa a fragmentar-se pressionado pelos Cruzados, os Mongóis e os Turcos. No século XVI, os Turcos Otomanos conquistam todo o Mundo Árabe, dividindo-o em províncias. Quando os Otomanos perderam força, no século XIX, os Britânicos e os Franceses passaram a controlar a maior parte do Norte de África, enquanto no Egipto e na Síria crescia a exigência de independência Árabe. Durante a I Guerra Mundial os Britânicos organizaram uma revolta contra o Império Otomano na Arábia. Em troca, os Árabes auxiliaram os Ingleses na conquista da Síria e da Palestina. Após a guerra, contudo, os Árabes não só não ganharam a independência, como ficaram sob o completo controlo dos Ingleses e dos Franceses, que converteram as anteriores províncias otomanas em vários pequenos estados.

Os Árabes renovaram as suas exigências de independência e unidade. Embora o controlo dos europeus tenha estimulado a modernização, trouxe a instalação dos Franceses nas melhores terras da Argélia e dos Judeus europeus na Palestina. Durante e após a II Guerra Mundial, a maioria dos estados árabes conseguiu finalmente a independência completa mas à custa de novas dificuldades, tais como a saída de centenas de milhares de árabes das aldeias e cidades palestinianas em 1948 e a longa guerra de independência da Argélia nos anos 50. Desde então, os Árabes têm enfrentado novos desafios. A necessidade de modernização das suas sociedades, os limites do seu empenho na unificação política e o modo de participar mais efectivamente no mundo contemporâneo.

2.6. Radicais e Moderados

Na secção em que se tratou do Direito tivemos oportunidade de ver o que Mohammed Bedjaoui pensa sobre os difíceis desafios que a modernidade coloca ao mundo muçulmano. O seu discurso é pragmático, sensato, actual[16]. Hosni Mubarak ensaiou a democratização possível com a eleição em Janeiro de 1989, de quase duzentos presidentes de municípios rurais e com a posterior constituição de um Conselho Económico e Social. Para travar a exploração intensiva e desordenada do pescado prosseguiu a cooperação com a França e alargou-a à República Federal da Alemanha. O regime tentou evoluir para um Estado de Direito e, sem renunciar à Charia, foi elaborada uma jurisprudência coerente. Foram adoptados um Código Civil, um Código de Família e um Código de Comércio.

Por outro lado, temos o sempre inquieto Kaddafi. Recorde-se o seu discurso na Cimeira África-Europa, realizada no Cairo em 3-4 de Abril de 2000, co-presidida pela Argélia e Portugal: "É necessário que vocês Quinze nos deixem em paz, dado que os nossos princípios e cultura são diferentes dos vossos. Não aceitamos lições, dado que os povos da África não sabem o que significa eleições. As pessoas na África têm necessidade é de alimentos e de medicamentos... Os vossos regimes são ditatoriais... e nós recusamos que a Europa nos imponha isso... quando ocorre um golpe de Estado ou um chefe de Estado é assassinado na África, sabemos imediatamente que os países colonialistas estão implicados... (para ter confiança nos europeus é preciso) que vocês deixem de fazer golpes de Estado, de oferecer 'luvas' ou de atijar as divergências étnicas."

CONCLUSÕES

O ser humano sempre fez tudo quanto esteve ao seu alcance para levar o Outro a aderir ao modo como lê a realidade, propondo-lhe ou impondo-lhe a sua perspectiva. Não é previsível que este jogo de sombras esteja para terminar. Por outro lado, que importa que "a Turquia das elites (queira) aderir à União Europeia e que as elites políticas da União a pretendam integrar" se "ninguém ousa recordar à Turquia que a Democracia, como forma de Governo, deve corresponder ao grau de democraticidade da sociedade"?[17] Que importa que estejamos "em guerra com uma elite revolucionária que destila conscientemente uma visão totalitária do mundo", se "a nível das grelhas éticas e epistemológicas, existe um abismo inconciliável entre o Ocidente liberal e o totalitarismo islamita"?[18]

De facto, "desde Carlos Magno, durante doze séculos, os europeus andaram quase sempre à pancada uns com os outros... depois de 1945, por inspiração de alguns visionários, arrancou a chamada 'construção europeia'... amortecendo eventuais impulsos guerreiros franceses e alemães... Do Mar Ártico à margem norte do Mediterrâneo, do Atlântico à fronteira com a Ucrânia, existe um espaço de paz – laboriosa de manter a Sudeste, onde as guerras jugoslavas dos anos 90 não estão ainda completamente arrumadas – mas, no geral, vigorosa e convicta... Afinal, não seria ainda desta vez que se passaria do governo dos homens para a administração das coisas... O povo está desconfiado dos políticos; desemprego e medo do futuro fazem-no enxotar estrangeiros. A democracia e a tolerância, emblemas da União Europeia, sem os quais não há decência dentro de cada país e a paz entre eles é insegura..."[19]

É verdade que toda a paz é interrompida pela guerra, que a prosperidade termina na penúria e qualquer ilusão de segurança se desfaz com o medo. E que as probabilidades jogam a favor do aparecimento de um Catão moderno mas de temperamento hegemónico como o romano, e como ele tomado pela mesma obcecção (delenda Carthago), facilitando um final tão definitivo como aquele que rematou as Guerras Púnicas. Com o actual ajuste de contas entre Sem e Jafé a ocorrer, sobretudo, no Mar Mediterrâneo.

Ainda assim, e tudo ponderado, considero que:

1. A confiança entre semitas e indo-europeus foi muitas vezes posta à prova e tem sido, algumas delas, ferida de morte. O que significa que foi possível restaurá-la.

2. É proverbial a obstinação semita. Sabemos como resistem a esquecer. Estamos conscientes de que a retaliação é um dos seus deveres. Que não se esgota na geração que cometeu a ofensa. Só depois de acertadas as contas lhes é possível o perdão.

3. Também o seu exacerbado orgulho coloca algumas dificuldades ao diálogo. É necessário ter em conta que crêem falar uma língua sagrada transmitida por Alá a Adão e professar a mais alta religião, revelada pelo maior dos Profetas. Seja isto ou não para compensar um sentimento de menos-valia que lhes vem de serem filhos de Abraão com Agar, a serva egípcia. "Rebentos de Agar", como lhes chamam alguns descendentes de Sara, a senhora israelita. Mantêm uma hierarquização de valores - Deus, Pátria, Família - que já tivemos e da qual prescindimos para promover e incensar Democracia, Mercado e Segurança que, por muito válidos que sejam enquanto princípios, não deveriam ser elevados a valores absolutos. Não é de estranhar que nos considerem decadentes.

4. Mas quando tentamos aproximarmo-nos deles, cometemos o mesmo erro. Consideramos superior a nossa civilização. Por melhores que sejam os nossos enviados, os nossos diplomatas, é pouco provável que esse sentimento não transpareça.

5. Um relacionamento só pode ser pacífico e feliz se abdicarmos de mudar o Outro, respeitando as suas razões (ainda que nos pareçam erradas), compreendendo as suas motivações. Mas mantendo-nos fiéis aos nossos valores e princípios, à nossa identidade. Só assim é possível edificar confiança e respeito mútuo.

6. Ainda antes da construção do edifício, há que tratar das fundações. É necessário recordar (e alimentar com essas memórias as nossas mentes) as circunstâncias em que as diferenças enriquecem o conjunto, tornando-se património e herança comuns. É necessário esquecer os agravos, perdoar as ofensas. Não esqueçamos que o nosso maior profeta foi o apóstolo do Amor e do Perdão.

7. Se o nosso interlocutor não puder fazê-lo, não puder encontrar-se connosco a meio do Caminho, não for capaz de se colocar no nosso lugar, amando-nos e perdando os nossos erros, cometidos ou imaginados, então devemos resignar-nos. A obstinação é contraproducente. Há que dar tempo ao tempo, aguardando a mudança da conjuntura. Ou até que a continuada integridade de discurso e acção venha a mostrar aos nossos interlocutores que podem confiar em nós. Se Deus quiser.

BIBLIOGRAFIA

Atlas da História Mundial, Editorial Sol 90, Barcelona, 2005.

Bíblia Pastoral, San Pablo Internacional, S. S. P., 1999.

BONNEFOUS, Marc, "Le Fait Islamique", in Défense Nationale, Paris, Comité D'Études de Défense Nationale, n.º 10, Out/1993, pp. 93 a 100.

Collier's Encyclopedia, EUA, Crowell-Collier Educational Corporation, 1971.

COUTO, Abel Cabral, "Um contributo para a definição de uma estratégia estrutural portuguesa", in Revista Militar, Lisboa, Empresa da Revista Militar, Jan/1981 (Biblioteca do IDN, cota 2271AP34C), pp. 30 a 145.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Instituto Antônio Houaiss, 2001.

HUNTINGTON, Samuel, "The Clash of Civilizations?", in Foreign Affairs, New York, Council of Foreign Affairs, vol. 72, n.º 3, pp. 22 a 49, Summer 1993.

HUNTINGTON, Samuel, "The Lonely Superpower", in Foreign Affairs, New York, Council of Foreign Affairs, vol. 78, n.º 2, pp. 35 a 49, March/April 1999.

LACOSTE, Yves, "La Méditerranée", Hérodote, Paris, n.º 103, 2001.

LIABÉS, Djillali, "Les Rapports entre l'Europe et le Monde Arabe-Musulman. Coopération et Sécurité", in Nação e Defesa, Lisboa, Instituto da Defesa Nacional, n.º 68, (Biblioteca IDN, cota 4153-AP35C), pp. 171 a 184, Out/Dez 1993.

MONTANELLI, Indro, História de Roma. Da Fundação à Queda do Império, Edições 70, Lisboa, 1977.

MOTA, Vítor, Filhos da Luz. Índícios de Oiro, Lisboa, 2005.

Relatórios finais dos Grupos de Trabalho dos Colóquios C-4 (sob o tema geral "Instrumentos para o relançamento do processo de cooperação no Mediterrâneo Ocidental"), Roma, 25 a 27 de Maio de 2005.

Relatórios finais dos Grupos de Trabalho 1 e 8 (sob o tema "A Segurança na área do Mediterrâneo"), reunidos na Covilhã, sob a égide do IDN a 14/18 de Fevereiro de 2005.

ROCHA, António da Silva, O Grande Magrebe: Vulnerabilidades ("Dissertação do Curso de Mestrado em Relações internacionais"), Universidade Portucalense Infante Dom Henrique, Porto, 2000.

Sítios da Internet:

<http://www1.umn.edu/humanrts/instate/arabhrcharter.html>

[1] Adaptado do Trabalho de Investigação Individual no âmbito do Curso de Defesa Nacional 2004/2005

[2] Foi Psiquiatra no Hospital do Conde de Ferreira e da Cadeia Central de Paços de Ferreira. Actualmente é Psiquiatra Forense no Hospital de Magalhães Lemos. Auditor de Defesa Nacional.

[3] Atribui-se a Albert Einstein: "Penso 99 vezes numa questão sem descobrir a resposta. Deixo de pensar e ei-la que surge."

[4] Península do sudeste europeu que designa a região dos Alpes Dináricos e da Transilvânia e as cadeias dos Cárpatos, de relevo atormentado. A região prolonga-se na península balcânica, situada entre o mar Adriático, a oeste, e o mar Egeu e o mar Negro, a leste, subdividida em vários estados e países: Eslovénia, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Macedónia, Sérvia, Montenegro, Roménia, Bulgária, Albânia, Grécia. Região de permanente conflito e instabilidade, cuja designação se tornou sinónimo de fragmentação de uma região, país ou império em estados menores.

7 Gróznýi fica mais próximo do litoral mediterrâneo do que Koweit-City.

[6] Como conta Indro Montanelli na sua "História de Roma", Cartago "era a mais forte de todas as potências navais daquele tempo. A sua home fleet possuía, em tempo de paz, quinhentas quinqueresmes, às quais podemos chamar os couraçados da época, mas eram rápidas e leves. Os almirantes que as comandavam eram competentíssimos: mesmo sem a bússola e o compasso conheciam o Mediterrâneo tão bem como o lago que tinham no jardim das suas casas". Os Gregos diziam que Cartago era uma das mais belas capitais do mundo. No entanto são muito vagos os indícios que fundamentam esta afirmação. Os romanos fizeram com Cartago o que tinham feito com a Etrúria. Não deixaram pedra sobre pedra. Cipião, antes de arrasar a cidade, encontrou entre outras coisas várias bibliotecas que distribuiu pelos seus aliados africanos pouco dados à leitura. Acabaram por se deteriorar. Para contar Cartago, Montanelli teve que se contentar com "um pouco de Salústio e Juba, alguns fragmentos de Magão e um testemunho de Santo Agostinho".

[7] Os árabes do Norte e do Sul estavam ligados a dois antepassados míticos, Adnan e Qahtan, e menos longinquamente, a Ismael (Ismail), filho de Abraão. Na Arábia Central (Hedjaz) não existia Estado organizado, mas cidades mercantis de caravaneiros (o camelo foi domesticado no II

milénio), dirigidas por oligarquias tribais sedentárias. A mais importante dessas cidades, Meca, obtinha lucros consideráveis enquanto sede, simultaneamente, da feira e da peregrinação à Caaba que, segundo a tradição, foi construída por Adão e reconstruída pelo seu filho Seth, depois por Abraão e pelo filho Ismail. Já muitos séculos antes do advento do Islão, os qoraychitas tinham feito ali o principal centro religioso pagão da Arábia antiga. Oriundos da Península Arábica, estes povos distinguem três modos de estar. Em primeiro lugar o nómada, arab, o que vive numa tenda e não tem residência fixa. Depois o camponês, fellah, que possui residência precária, uma choça. Por fim, o hadar, o cidadão que habita uma casa de ladrilho ou de pedra. Para os árabes os únicos e verdadeiros nómadas são os habitantes do Bádía, o deserto, ou seja, os beduínos (badauin), criadores de camelos e de cavalos (in *As Raças Humanas*, Editorial Enciclopédia, Lda.).

[8] Esses três séculos - durante os quais consolidaram o seu domínio, que alargaram a toda a península - não foram muito diferentes daqueles quatro que durou a conquista, instalação e adaptação dos Helenos, ao substituírem-se à civilização minoico-micénica.

Tais períodos são considerados obscuros pelos historiadores que vêem a Luz como sinónimo de registo escrito. Ora, essa escassez de escritos, é devida ao pouco uso que deles fazem os novos senhores, deixando quase exclusivamente aos sacerdotes tão nobre actividade.

Os conquistadores são, via de regra, pouco numerosos e pertencentes a tribos especializadas na guerra. Subjugados os povos que atacam, logo ocupam os lugares políticos e administrativos, revezando os poderosos das populações submetidas.

Constituem-se em casta e o seu poder vem-lhes de serem diferentes e já não do sangue ou do ouro. A princípio regem-se por leis próprias, diversas daquelas a que obrigam os seus súbditos. As principais consequências deste divórcio são uma auto-infligida interdição da miscegenação e a proibição do uso de armas imposta aos restantes. Por outro lado, enquanto casta guerreira as suas obrigações são castrenses, de defesa e protecção. O seu ofício é a guerra. Não vêem qualquer utilidade para as letras e o seu aprendizado. Depois, gradualmente, vão adoptando usos e leis do povo submetido, o que lhes permite a mestiçagem e a restauração, sempre a diferente nível, das estruturas anteriores (in *Filhos da Luz – inédito*).

[9] "Há milhares de anos teria existido um homem chamado Abraão, hoje venerado por mais de metade da humanidade – dois mil milhões de cristãos, mil e trezentos milhões de muçulmanos e cerca de quinze milhões de judeus – como patriarca e pai espiritual da sua fé? E será que Abraão falou de facto com Deus, celebrando com ele alianças que se tornariam pilares dessas religiões? A primeira e mais extensa referência a Abraão aparece no Génesis, o livro das escrituras sagradas do judaísmo e do Antigo Testamento da Bíblia cristã, mas o patriarca é também referido noutros escritos judaicos e cristãos, incluindo o Talmude e o Novo Testamento, sendo frequentemente mencionado no Alcorão. O cristianismo aceitou Abraão como patriarca praticamente desde o início. Na Epístola aos Romanos do Novo Testamento, o Apóstolo São Paulo escreveu sobre a fé do nosso pai Abraão. No Magnificat de São Lucas, a Virgem Maria diz que o Senhor acolheu a Israel seu servo, lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre. O profeta Maomé que, no séc. VII, ensinou os princípios islâmicos, venerou também Abraão, que o Alcorão reconhece como um dos profetas do Islão: Cremos em Deus e no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacob. O Alcorão eleva a história de Abraão à prática religiosa: os muçulmanos devem preferir a religião de Abraão, o Hanif (monoteísta), e o Alcorão diz que Abraão é Khalil, seu 'amigo'. Mas quando perguntei aos peritos 'existiu mesmo um homem chamado Abraão?' recebi respostas quase sempre respeitadas (não podemos provar o contrário), mas convencidas de que é inútil tentar encontrar uma pessoa de carne e osso. 'Não é possível reconstituir Abraão', afirmou Israel Finkelstein, especialista em arqueologia bíblica da Universidade de Telavive. Não existindo qualquer prova da sua existência, investigar o Abraão histórico é ainda mais difícil do que estudar o Jesus histórico. Segundo nos disseram, importante é compreender o significado e legado das ideias personificadas em Abraão. A fama vem-lhe principalmente de ser considerado pai do monoteísmo, embora o Génesis não lho atribua. E as histórias escrevem-no como hospitaleiro, pacífico, e frisam a sua fé e obediência a Deus.", Tad Szulc, in *National Geographic*, Dez. 2001.

[10] Sempre houve Profetas, Reis e Heróis a quem foram atribuídas missões particularmente difíceis e que beneficiaram de protecção divina extraordinária para bem as cumprirem. Maomé, como Jesus e o Buda antes dele, não foi reconhecido pelos sacerdotes do seu tempo. Nem poderia sê-lo. Os grandes profetas são mensageiros que trazem à humanidade o testemunho de uma verdade a haver, uma verdade que a eles apenas foi dado vislumbrar. Mas foi essa rejeição, ou melhor, a reacção a essa recusa, que projectou no mundo as suas mensagens. No entanto, o percurso de Maomé foi diferente daquele que os outros dois Senhores trilharam. Ao apresentar-se como profeta, o escárnio dos sacerdotes judeus ofendeu-o, humilhou-o, abrindo, talvez, a velha ferida ismaelita, da rivalidade entre os descendentes de Abraão com a escrava egípcia e os herdeiros do Patriarca com

a senhora israelita e com ela a questão da legitimidade abraâmica já anteriormente abordada. O ressentimento levou-o a mudar de rumo ("O Islão é a Religião e é o Estado"), arabizando a Mensagem, restringindo-a, retirando-lhe universalidade. Politizou-se e fez-se chefe militar.

[11] Aqui é pertinente chamar Samuel Huntington a dar o seu testemunho: "Uma pessoa pode ser meio-Francês e meio-Árabe e até, simultaneamente, cidadão de dois países. É mais difícil ser meio-Católico e meio-Muçulmano... Nos conflitos de classe e ideológicos a pergunta-chave era 'De que lado estás?' E as pessoas podiam escolher e escolhiam lados e mudar de lado. Nos conflitos entre civilizações a questão é 'O que és?' Isto é um dado que não pode ser mudado... Não é provável que esta multicentenária interacção militar entre o Ocidente e o Islão venha a declinar. Poderá vir a tornar-se mais virulenta. A Guerra do Golfo deixou alguns Árabes orgulhosos por Saddam Hussein ter atacado Israel e enfrentado o Ocidente. Fez também que muitos se sentissem humilhados e ressentidos pela presença militar do Ocidente no Golfo Pérsico, pelo esmagador domínio militar do Ocidente, e pela sua aparente inabilidade para traçar o seu próprio destino... Em resumo, no mundo Árabe, as democracias Ocidentais fortalecem forças políticas anti-Ocidentais. Isto pode ser um fenómeno passageiro, mas complica certamente as relações entre os países Islâmicos e o Ocidente... Em ambos os lados a interacção entre Islão e Ocidente é vista como um choque de civilizações. A 'próxima confrontação' do Ocidente, observa M. J. Akbar, um autor Muçulmano Indiano, 'virá definitivamente do mundo Muçulmano. Está no horizonte das nações Islâmicas do Magrebe ao Paquistão que a luta por uma nova ordem mundial vai começar" (The Clash of Civilizations).

[12] Todos os arkan têm em comum uma dimensão social-horizontal, unificadora da umma, que, por sua vez, contém uma dimensão divina-vertical, em que a umma aparece numa relação directa com Deus, o que explica que se chamem aos "direitos da umma" (ver Anexo II), "direitos de Deus". Para que os actos rituais não sejam confinados a um acto formal, incumbe a cada muçulmano expressar em voz baixa, ou no seu coração, a convicção e intenção (niyya) antes de iniciar cada uma dessas acções. A intenção é a expressão interna da acção.

[13] "... o sistema normativo muçulmano tem evoluído e a demonstrá-lo estão, por exemplo, as modificações introduzidas nos Códigos do Estatuto Pessoal e de Procedimento Civil das Mulheres em Marrocos pelo BO n.º 4222 de 29 de Setembro de 1993 e que resultam de uma evolução permanente iniciada, sobretudo, em 1958: BO n.º 2378 de 23 de Maio de 1958, com a aplicação dos livros I e II do Código do estatuto pessoal e de sucessões relativo a paternidade e filiação; BO n.º 2409 de 26 de Dezembro de 1958 com a aplicação do livro IV do Código de procedimento civil; e BO n.º 3473 de 23 de Maio de 1079, que modificou o artigo 179.º do Código de procedimento civil" (O Grande Magrebe: Vulnerabilidades).

[14] Outro exemplo da transmissão de conhecimento dos Semitas aos Ários é o da passagem de um alfabeto norte-semita aos helénicos – as letras gregas alpha, beta, gamma, delta, correspondem às semitas aleph, beth, gimel e dalad.

[15] De facto, as guerras púnicas, se por um lado decidiram os destinos do Mediterrâneo e da Europa, dando a Roma as Espanhas, o Norte de África, o domínio sobre o mar e a riqueza, por outro lado, foram estes ganhos "o ponto de partida para uma alteração da vida romana que não viria a revelar-se benéfica para os destinos da Urbe. Ao todo, ficaram no campo de batalha trezentos mil homens que eram a elite da agricultura e do exército. Quatrocentas cidades foram destruídas. Metade das quintas foram saqueadas, principalmente na Itália do Sul, que exactamente desde essa altura nunca mais se recompôs completamente. Os Romanos de duzentos anos atrás teriam dado remédio a estes males em poucos decénios. Os seus sucessores, porém, já não eram da mesma tempera. Aquilo que agora os tentava já não era o trabalho no campo, mas o comércio internacional. Em vez de lutar pela riqueza com paciência e tenacidade, levando uma vida frugal e poupada, era mais cómodo ir procurá-la, já pronta, em Espanha, por exemplo, onde bastava arranhar a terra para encontrar ferro e ouro. A espoliação dos povos vencidos encheu os cofres do Tesouro. Os tributos que os Estados subjugados pagavam, ao ritmo de biliões, ano a ano, punham cada Romano a viver dos rendimentos, e tiravam-lhe a vontade de trabalhar [...]. Começou a formar-se uma nova burguesia de traficantes e empreiteiros. Os costumes tornaram-se brandos e amoleceram [...]. A fé nos deuses enfraqueceu, assim como na democracia, a qual, nos momentos de perigo, tivera, para salvar a pátria, de recorrer aos ditadores e aos "plenos poderes" (MONTANELLI, Indro, História de Roma, Edições 70, Lisboa, 1977).

[16] Mas neste mundo nem sempre são toleradas as posições justas e inteligentes. E não seria justo passar por aqui sem recordar Djillali Liabés, morto num atentado em Argel, a 16 de Março de 1993. Dois meses antes tinha proferido uma conferência no Instituto da Defesa Nacional. Disse ele sobre o modo como a Europa é vista pelo mundo arabo-muçulmano: "Primeiro, é um conjunto de potências que nos colonizaram. Há lá uma posição que chamaria laica, profana, secular, uma relação entre colonizados e colonizadores... Mas isto torna-se secundário diante do segundo

elemento da crítica, segundo o qual a Europa é a Europa dos infiéis. Por vezes, quando se discute com os jovens que são muito trabalhados pelos integrismos, eles não dizem 'nós vamos para a França' ou 'nós vamos para a Europa', eles dizem 'nós vamos para casa dos infiéis'. O que quer dizer que há primeiro uma relação de estranheza, mas igualmente uma relação que é fundada sobre um juízo de valores. É um integrismo Sul-Norte, mas que é ele mesmo a reacção a um integrismo Norte-Sul... A verdadeira religião é a religião muçulmana. E, se eu vou a casa deles, é uma espécie de sacrifício, uma violência que se faz porque somos obrigados a viver e a manter o relacionamento".

[17] Barata-Feyo, José Manuel, Grande Reportagem, 11 de Junho de 2005.

[18] Raposo, Henrique, Atlântico, 28 de Julho de 2005.

[19] Cutileiro, José, Expresso, 13 de Agosto de 2005.

39 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/07/27

O TERRORISMO JIHADISTA NA EUROPA: ALGUMAS TENDÊNCIAS SOBRE RADICALIZAÇÃO E RECRUTAMENTO[1]

Francisco Jorge Gonçalves[2]

2012/05/05

A CIMEIRA DE CHICAGO E O RELACIONAMENTO TRANSATLÂNTICO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/01/17

A NOVA ESTRATÉGIA DE DEFESA DOS EUA E A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/08/29

LÍBIA. FALTA FAZER O MAIS DIFÍCIL.

Alexandre Reis Rodrigues

2011/08/22

A LÍBIA PÓS KADHAFI

Alexandre Reis Rodrigues

2011/06/20

A LÍBIA, TRÊS MESES DEPOIS

Alexandre Reis Rodrigues

2011/04/30

INTERVENÇÕES HUMANITÁRIAS? O CASO DA LÍBIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/04/11

A CRISE LÍBIA. ONDE ESTÁ A UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/18

«TODAS AS MEDIDAS NECESSÁRIAS»

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/28

EUROPEAN AERONAUTICS: MAIN POLICY AND OBJECTIVES [1]

Daniela Siqueira Gomes

2010/12/19

A UE E O FUTURO DA COOPERAÇÃO ESTRUTURADA PERMANENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/18

RÚSSIA, PARCEIRO INDISPENSÁVEL?

Alexandre Reis Rodrigues

2009/12/20

A PROPOSTA RUSSA PARA UMA NOVA ARQUITECTURA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/05/20

A GEOPOLÍTICA: CIÊNCIA DO CONFLITO NO ESPAÇO DO PODER

António Paulo Duarte[1]

2009/05/03

GEOPOLÍTICA DA GUERRA

Manuel Saraiva

2008/07/16

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](I PARTE)

Victor Mota[2]

2008/07/15

ESCUDO ANTIMÍSSIL: A GUERRA DO ESPAÇO ESTÁ SE TRANSFORMANDO NA GUERRA DOS OLEODUTOS

Rodrigo Cintra[1] (Brasil)

2008/06/01

A PASSAGEM ÁRTICA DO NOROESTE[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/14

A IMAGEM DUALISTA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/30

A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO

João Brandão Ferreira

2008/03/25

O QUE SERÁ A RÚSSIA DE MEDVEDEV?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/21

O DISCURSO DE ANGELA MERKEL: A VERGONHA INESQUECÍVEL

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/18

RETERRITORIZAÇÃO UTILIZANDO OS BIOMAS COMO UNIDADES ADMINISTRATIVAS

Fernando Baggio di Sopra[1] (Brasil)

2008/03/16

EUROPA SOB UMA TRIPLA AMEAÇA DA AL-QAEDA

José Vale Faria [1]

2008/02/20

VISÕES SOBRE A POLÍTICA EUROPEIA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Vários

2008/02/19

A IMPORTÂNCIA DA GEOPOLÍTICA DO TERRORISMO[1]

Tiago Alexandre Maurício

2007/09/30

A GEOPOLÍTICA DA SUSTENTABILIDADE[1]

Irene Maria Nunes[2]

2007/07/04

FASCISMO E NAZISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/07/02

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LITUÂNIA

Daniela Siqueira Gomes[i]

2007/06/05

O SUCESSOR DE PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/19

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]

Alexandre reis Rodrigues

2007/04/15

SEGURANÇA E DEFESA: UM ÚNICO DOMÍNIO?

Francisco Manuel Gomes[1]

2007/03/24

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (3ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/23

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (2ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/22

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (1ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/01/21

OS RECURSOS ENERGÉTICOS DO CAZAQUISTÃO E OS SEUS EFEITOS NO REALINHAMENTO ESTRATÉGICO: UM NOVO GRANDE JOGO?

Hugo Palma[1]

2007/01/20

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (III PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/19

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOEPOLÍTICAS (II PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/18

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (I PARTE)[1]

João Brandão Ferreira